

Carta do Editor

Em uma lúcida análise sobre a história e estágio atual da formação de professores de Ciências no Brasil, Villani, Pacca e Freitas¹ destacam ao final a necessidade de um acordo entre Universidades, Escolas e Secretarias com a finalidade de “estabelecer um planejamento viável para a formação de professores ao longo da vida útil dos professores de Ciências” – a formação continuada – “visando dentre outros objetivos, promover a colaboração sistemática entre as autoridades escolares, os professores e os especialistas acadêmicos, para definir o lugar mais apropriado, os conteúdos mais significativos e os procedimentos mais eficientes, incluindo a colaboração na pesquisa”. Parece necessário, segundo os autores, um esforço conjunto do tríduo para adequar e implementar as Diretrizes Curriculares Nacionais. Temos vivido atualmente na UFSCar uma experiência – ainda incipiente – que acreditamos possa contribuir para alcançar este objetivo. Pela primeira vez estamos atuando no programa Pró-Ciências de forma articulada com as escolas e a secretaria da educação². Os professores-alunos foram selecionados pela própria escola em consonância com a secretaria e seguindo critérios próprios estabelecidos sem ingerência da universidade. Ao mesmo tempo, a secretaria encaminhou as seguintes recomendações que julgamos bastante pertinentes: adequar os conteúdos para atender às necessidades específicas dos participantes; relacionar os conteúdos do curso com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNs) e com os planos de ensino do professor-aluno; considerar os materiais pedagógicos disponíveis nas escolas; orientar a divulgação dos conteúdos desenvolvidos para o restante da equipe escolar; acompanhar e avaliar o impacto do curso durante sua realização. Como o programa é dirigido para professores de Ciências e Matemática, ficou estabelecido o trabalho com temas geradores e integradores das respectivas

áreas. A escolha recaiu sobre o Sol. A partir da discussão de conteúdos relacionados ao Sol específicos de Física, Química, Biologia e Matemática, os professores-alunos, divididos em grupos temáticos formados por sua própria escolha dentro de determinada escola ou região planejam, executam e avaliam uma aula inovadora em sua escola e finalmente relatam suas experiências para os participantes do programa. Para nós, da área de Física, foi surpreendente e gratificante; para os alunos, muito estimulante, o fato fortuito de que o Prêmio Nobel de 2002 tenha sido outorgado a pesquisadores que muito contribuíram para a nossa compreensão dos fenômenos solares e do nosso universo distante (ver matéria na página 19). Nosso esforço tem sido dirigido para a inserção da Física Moderna e Contemporânea no Ensino Médio e constatamos que, apesar do interesse e motivação dos professores, lhes faltam os necessários conteúdos específicos dos temas contemporâneos de cada área. Além da formação continuada, urge transformar a atual estrutura curricular dos cursos de licenciatura em Física para incluir em maior escala o ensino da Física Moderna e Contemporânea.

O programa Pró-Ciências é uma iniciativa da CAPES e da Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico (SEMTEC) do MEC que tem como objetivo o aprimoramento em serviço de professores de Ensino Médio nas áreas de Biologia, Física, Matemática e Química. Apesar de implantado em 1996, não temos conhecimento de uma avaliação geral dos efeitos do programa sobre os professores. O último “termo de referência” do Pró-Ciências aponta a iniciativa do SEMTEC/CAPES, “em tempo oportuno”, de proceder a uma avaliação do programa em nível regional e nacional. No entanto, a coordenadora do programa em São Paulo, Marília Pontes Sposito, da Faculdade de Educação da USP, em depoimento à revista *Pesquisa-FAPESP*³ faz um balanço alta-

mente positivo do programa no estado de São Paulo ressaltando tanto a “sua capacidade de impacto no processo de capacitação de professores, como a inovação na criação de material didático”. Uma questão crucial refere-se à continuidade do Pró-Ciências. Há demandas de pesquisadores e professores em torno desta questão. O programa foi inicialmente financiado pela CAPES e nesta segunda fase os recursos provêm da SEMTEC. E depois? Como colocar em termos concretos a proposta de Villani, Pacca e Freitas deste acordo entre Universidades, Escolas e Secretarias de Educação na tarefa de assegurar um programa consistente e continuado de formação de professores ao mesmo tempo em que se implementam as novas diretrizes curriculares? Nas diversas avaliações de programa, temos recebido pareceres apenas dos especialistas e faltam as críticas, sugestões e demandas dos professores do Ensino Médio. A *Fne* está à disposição dos professores de Ensino Médio para comentários e propostas, em forma de artigos e cartas ao editor que possam contribuir para colocar a formação continuada no nível mais elevado de suas pretensões profissionais e aprimoramento intelectual.

Nelson Staudant

¹Villani, A; Pacca, J.L.A; Freitas, D. Formação do professor de Ciências no Brasil: Tarefa impossível? In: Vianna, D.M.; Peduzzi, L.O.Q.; Borges, O.N.; Nardi, R. (orgs). Atas do VIII Encontro de Pesquisa em Ensino de Física. São Paulo: SBF, 2002 (CD-Rom: CO21_3.pdf).

²Os dois projetos anteriores de que participamos foram gerenciados pela fundação estadual de apoio à pesquisa (FAPESP).

³*Pesquisa FAPESP* 75, p. 20, maio 2002, www.revistapesquisa.fapesp.br.